

## ESPECIAL LITERÁRIO GERAÇÃO BEAT BATE O MARTELO?

*I saw the best minds of my generation destroyed by madness, starving hysterical naked, dragging themselves through the negro streets at dawn looking for an angry fix, angelheaded hipsters burning for the ancient heavenly connection to the starry dynamo in the machinery of night, who poverty and tatters and hollow-eyed and high sat up smoking in the supernatural darkness of cold-water flats floating across the tops of cities contemplating jazz. (Howl, Allen Ginsberg, 1956)*

Quando Jack Kerouac surgiu na Literatura norte-americana, “foi um sopro de ar fresco”. A frase é de Norman Mailer, escritor consagrado que, dentre outras obras, lançou *Um sonho americano* (1965). As promessas gloriosas do sonho americano – já presentes no *American Way of Life* – perpassaram a obra de diversos escritores do período conseqüente à Segunda Guerra Mundial. Historicamente, a época significou a dualidade da Guerra Fria, marcada por uma forte “mitologia de unidade nacional”<sup>1</sup>. Dispostos a apontar suas contradições e crueldades, pode-se afirmar, ergueram-se vozes como William S. Burroughs, Allen Ginsberg, Henry Miller e os próprios Jack Kerouac e Norman Mailer. A liberdade pregada nas políticas governamentais soava rígida, “ameaçadora” e até mesmo “imperialista”<sup>2</sup>. Artistas eram convocados a reafirmar seus compromissos nacionais, renegando, sobretudo, qualquer influência comunista. Civis sofriam restrições de suas prerrogativas, em função da “manutenção da liberdade” em oposição ao totalitarismo<sup>3</sup>.



Pode-se dizer, no entanto, que Jack Kerouac foi além. Ele, de fato, fundou uma geração inteira<sup>4</sup>. A palavra *Beat*, utilizada para identificar a geração de poetas que promoveu o renascimento cultural nor-

te-americano em São Francisco, foi cunhada em uma conversa entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes<sup>5</sup>, sobre a Geração Perdida e o Existencialismo. Foi quando Kerouac teria dito: “nossa geração é realmente uma *geração beat*”. A palavra *Beat*, muitas vezes compreendida como sinônimo de *surrado*, continha, então, a imagem de *beatífico*. Mais tarde, críticos conservadores atribuíram a nomenclatura *beatnik* à Geração, em franca alusão ao foguete espacial soviético *Sputnik*.



A denominação, ao que parece, passou a ser incorporada por Kerouac em seus romances, sem jamais perder a raiz conceitual. Pelo contrário, com o passar do tempo, o elemento místico que atravessa a obra de Kerouac ficaria ainda mais evidente, especialmente a partir de sua aproximação ao budismo, quando, então, provavelmente encontrou a teoria capaz de explicar os anseios humanos e existenciais que o revolviavam. Conforme confessado por Kerouac em uma carta a Neal Cassady: “que nada signifique nada é simplesmente a coisa mais triste que eu conheço”<sup>6</sup>.

Além dos referenciais religiosos e sagrados, a cultura norte-americana é outro elemento que permeia inteiramente a obra de Kerouac e dos demais autores Beats, o que é retratado, também, no poema *America*, de Allen Ginsberg “*America, I’ve given you all, and now I’m nothing*”. *Visões de Cody*, por sua vez, é dedicado à “América, o que quer que seja”. Kerouac escreveria, sobretudo, àqueles a quem considerava os “verdadeiros americanos”<sup>7</sup>. À América do surgimento do jazz em porões de bares da cultura negra, o jazz “demente”<sup>8</sup> de Willis Jackson ou de Lucky Thompson, à América de Marlon Brando, dos Três Patetas, de atrizes loiras consagradas, dos guarda-freios, do boom das caronas à beira da estrada, dos vagabundos encostados em vagões, do tabaco mascado, da inocência sendo perdida, ou *o que quer que*



<sup>1</sup> KEROUAC, Jack. *On the road – O manuscrito original*. Tradução de Eduardo Bueno e Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008, p. 58. No relatório do Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos, preparado em 14 de abril de 1950, “um ano antes de Kerouac sentar praça para compor o rolo de *On the road*”, já havia referência à defesa do “nosso modo de vida”, assentando-se a “determinação de lutar” em prol de sua preservação, caso necessário. Id., *ibid.*, p. 58.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 58.

<sup>3</sup> Id., *ibid.*, p. 58.

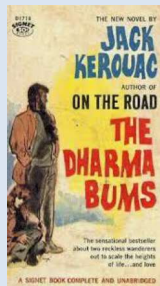
<sup>4</sup> Esta concepção – assim como o impacto por ela causado – está bem retratada na frase de Seymour Krim, na introdução de *Anjos da Desolação*: “Todos os que têm coragem já brincaram de Deus em algum momento da vida – mas quando foi a última vez que você criou uma geração?”. Seymour Krim é escritor e crítico literário norte-americano. KEROUAC, Jack. *Anjos da Desolação*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010, p. 07.

<sup>5</sup> KEROUAC, Jack. *Sur les origines d’une génération*. In: *Vraie Blonde et autres*. Tradução de Pierre Guglielmina. Paris: Gallimard, 2003, p. 100. Escrito alguns anos após o sucesso estrondoso de *On the road*, Kerouac explora as origens da nomenclatura Beat nesse ensaio literário: “Le mot *beat* signifiait au départ pauvre, fauché, claqué, à la derive, dans la dèche, triste dormant dans le métro. Maintenant que le mot a trouvé une reconnaissance officielle, il a fini par désigner des gens qui ne dormant pas dans le métro mais possèdent une certaine attitude ou allure nouveau plus. “Beat Generation” est devenu le slogan ou le label d’une révolution des moeurs en Amérique. Marlon Brando n’a pas vraiment été le premier à la porter à l’écran. Dane Clark avec son visage crisper à La Dostoïevski et son accent de Brooklyn, et bien sûr Garfield, furent les premiers”. Id., *ibid.*, p. 107.

<sup>6</sup> KEROUAC, Jack; CHARTERS, Ann. *Jack Kerouac: Selected Letters, 1940-1956*. New York: Viking Press, 1995, p. 474.

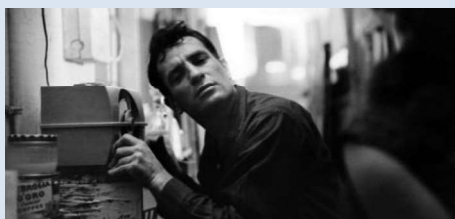
<sup>7</sup> KEROUAC, Jack. *On the road – O manuscrito original*, *op. cit.*, p. 63.

<sup>8</sup> KEROUAC, Jack. *Sur les origines d’une generation*, *op. cit.*, p. 107.



seja isso. O experimentalismo contracultural da *Beat Generation* antecipou movimentos que sacudiram a América do Norte – e o mundo –, influenciando *hippies*, trazendo à tona temas como o uso de drogas pesadas, o pacifismo, o budismo, a vida subterrânea daqueles marginalizados pelo desenvolvimentismo estadunidense.

Mas a devoção passional de Kerouac à América em momento algum exclui o fascínio soberbo nutrido pela França bretã, de onde seus ancestrais teriam emigrado para o Canadá – e cuja tentativa de resgate do berço genealógico está descrita no livro *Satori em Paris* (1966)<sup>9</sup>. Kerouac, no fundo, era ilimitável, impassível de ser restringido a fronteiras. A universalidade de sua prosa poética encontra-se no profundo exercício de humanidade retratado em cada página. “É difícil encontrar alguma palavra maliciosa sua a respeito de alguma pessoa”, conforme consta no prefácio de um dos seus livros.



Nas próprias palavras do autor: “Sempre considerei escrever o meu dever na Terra. E também pregar a bondade universal, que críticos históricos não foram capazes de descobrir sob a frenética atividade das minhas histórias verídicas sobre a geração beat (KEROUAC, 1964a, p. 43)<sup>10</sup>.

Kerouac foi, sobretudo, um humanizador. Suas palavras, carregadas de um significado espiritual, revolucionaram a escrita e fundaram o que ele chamou de Prosa Moderna. A Prosa Moderna de Kerouac é marcada pelo fluxo de consciência, pela espontaneidade da escrita, fatores que lhe permitiram escrever *On the road* em três semanas e, ainda mais surpreendente, *Os subterrâneos* em apenas três noites. Na escrita de *On the road*, a média de palavras de Kerouac, segundo as próprias contas do autor, era de “6 mil [palavras] por dia, 12 mil no primeiro dia, 15.000 no último”<sup>11</sup>. O ritmo alucinante da narrativa imposta pelo autor era regado a café, benzedrina, tabaco e muito *jazz*<sup>12</sup>. Kerouac estabeleceu 30 postulados para a Prosa Moderna – dos quais o maior talvez seja “Desamarre-se de toda inibição literária, gramatical e sintática”.

A obra de Kerouac ainda é permeada de críticas às “mentiras de Harvard”<sup>13</sup>, provavelmente em referência aos acadêmicos pretensamente intelectualizados da época. Com efeito, a espontaneidade pertinente dos pensamentos de Kerouac volta-se contra o “clima intelectual arbitrário”<sup>14</sup>, que havia tomado conta da cena literária norte-americana, e o alça rapidamente à condi-

ção de ícone nacional – muitas vezes, portanto, mais aclamado pelo público do que pela crítica. A meta é retirar a poesia de gabinetes etiquetados e soturnos e devolvê-la às ruas. O sucesso que se seguiu à publicação de *On the road* foi estrondoso e responsável por atormentar a vida pacata que perseguia. Tais experiências vêm retratadas em trechos de *Big Sur*, por exemplo, e de *Anjos da desolação*, no qual se queixa da “fama” e questiona, implicitamente, a idolatria repentina adquirida com o sucesso – um sucesso, no fundo, ansiado pelo autor às vésperas do lançamento de seu primeiro romance, *Cidade pequena, cidade grande*, e que se viu frustrado à época<sup>15</sup>.

Kerouac narra, então, em *Big Sur* a atmosfera frenética que sucedeu à tiragem:

É a primeira vez que estou saindo de casa (da casa da minha mãe) desde a publicação de Road o livro que ‘me deixou famoso’ e na verdade tão famoso que passei três anos enlouquecido com os inúmeros telegramas, telefonemas, pedidos, correspondências, visitas, reportes, xeretas (um vozeirão grita pela janela do meu porão enquanto me preparo para escrever: - VOCÊ ESTÁ OCUPADO?) ou a vez que um repórter subiu correndo as escadas até o meu quarto enquanto eu estava lá sentado de pijama tentando escrever um sonho – Adolescentes pulando a cerca de dois metros que eu construí em volta do pátio para ter mais privacidade – Grupinhos com garrafas bebendo na janela do meu estúdio ‘Para de trabalhar um pouco e vem beber com a gente!’ – Uma mulher vindo até a minha porta e dizendo ‘Não vou perguntar se você é Jack Duluo porque eu sei que ele tem barba, mas você sabe me dizer onde eu encontro ele, eu quero um Beatnik de verdade na minha festa anual’ – Visitantes bêbados vomitando no meu estúdio, roubando livros e até mesmo lápis – Gente que não foi convidada ficando vários dias por causa das camas limpas e da boa comida que a minha mãe preparava – Eu bêbado praticamente o tempo todo para me passar por jovem e não ficar para trás mas no fim percebendo que eu estava cercado e em inferioridade numérica e tinha que fugir para a solidão ou morrer<sup>16</sup>.

Na verdade, a literatura transgressiva e selvagem de Kerouac inspirou a formação de uma contracultura igualmente autêntica e *marginal*. Nas livrarias da Nova York de hoje, “segundo reza a lenda, ao lado da Bíblia, *On the road* é, com frequência, um dos livros mais roubados”<sup>17</sup>, motivo pelo qual fica escondido atrás das caixas registradoras (e fora das prateleiras). Na avaliação de Penny Vlagopoulos “livros não são, comumente, objetos capazes de estimular um comportamento criminoso, mas Kerouac continua a inspirar um grau de desafio a esta regra que parece sugerir que seu mundo sem leis continua a se espalhar através das gerações”<sup>18</sup>.



<sup>9</sup> As referências, ainda, são inúmeras na obra de Kerouac, como, por exemplo, na introdução a *Viajante solitário*.

<sup>10</sup> KEROUAC, Jack; BUENO, Eduardo. *Apresentação do autor*. In: *Cenas de Nova York & outras viagens*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012, p. 08.

<sup>11</sup> CUNNELL, Howard. *Rápido desta vez*. In: *On the road – O manuscrito original*, op. cit., p. 31.

<sup>12</sup> Em que pese as diversas referências à benzedrina ao longo de sua obra, Kerouac desmistificaria o uso de benzedrina durante a escrita de *On the road*, ao dizer a Neal Cassady: “Escrevi aquele livro movido a CAFÉ, lembre-se disso. Benny, chá, nada que CONHEÇO é tão bom quanto café para ativar o cérebro”. Id., *Ibid.*, p. 31.

<sup>13</sup> KEROUAC, Jack. *Anjos da Desolação*, op. cit., p. 283.

<sup>14</sup> Id., *Ibid.*, p. 09.

<sup>15</sup> KEROUAC, Jack. *On the road – O manuscrito original*, op. cit., p. 24.

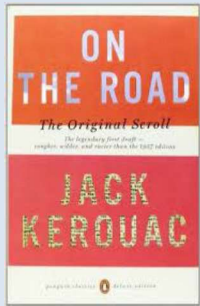
<sup>16</sup> KEROUAC, Jack. *Big Sur*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009, p. 12.

<sup>17</sup> VLAGOPOULOS, Penny. *Reescrevendo a América: a nação de “monstros” de Kerouac*. In: KEROUAC, Jack. *On the road – O manuscrito original*, op. cit., p. 57.

<sup>18</sup> Id., *Ibid.*, p. 57.

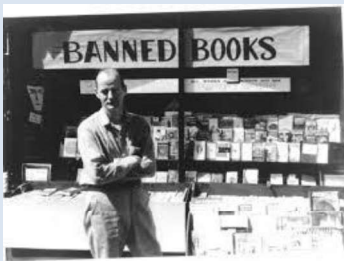
Não à toa, *On the road*, no calor dos anos 50, foi recusado por uma infinidade de editoras, até finalmente vir a ser aceito pela Viking – não sem a imposição de uma série de condições para publicação, de modo que o explosivo manuscrito original, trabalhado, em 1951, na forma de um imenso rolo de papel (que atingiu 37 metros de comprimento), tornou-se relativamente distinto da versão que finalmente veio a ser publicada em 5 de setembro de 1957. Conforme retrata Howard Cunnell:

A segunda viagem de retorno a San Francisco foi cortada por Kerouac para dinamizar a história, enquanto a seção de Detroit do romance, em que Eddie é representada como gorda e usando guarda-pós surrados, bebendo cerveja e devorando doces de forma ruidosa, estava entre um número de cenas igualmente cortadas por Kerouac por recomendação de Cowley [Malcolm Cowley, editor] e de Nathaniel Whitehorn [advogado], que temiam por processos de difamação. Apesar da exclusão feita por Kerouac de boa parte do material e da linguagem sexuais, em particular o conteúdo homossexual, como parte do processo de reformulação, outras cenas que sobreviveram no esboço de 347 páginas, incluindo a história do macaco sodomizado em um prostíbulo de Los Angeles, foram cortadas mais tarde por obscenidade<sup>19</sup>.



Outro integrante fundamental da Geração Beat, Allen Ginsberg, sofreu uma intervenção ainda mais contundente da censura puritana que reinava à época. Publicado pela City Light Books no ano de 1956, o poema *Howl*<sup>20</sup> (*O uivo*) levou à prisão tanto o editor, e também escritor Beat, Lawrence Ferlinghetti<sup>21</sup> quanto o gerente da livraria em que foi exposto à venda, Shigeyoshi Murao, além de submeter Allen Ginsberg a um histórico julgamento perante a Suprema Corte Norte-Americana, sob acusação de *obscenidade* por conta das referências ao consumo de drogas e ao sexo (homo e heterossexual). Em 3 de outubro de 1957, o Juiz Clayton W. Horn finalmente julgou que o poema não era obsceno.

Na leitura de estreia do poema, questionado acerca da “nuidez” referenciada no texto, Ginsberg não titubeou: despiu-se por completo diante da plateia, dando início à leitura, em uma das cenas mais simbólicas da Geração Beat. Mais tarde, seria a vez de William S. Burroughs enfrentar semelhante julgamento, ao lançar *Naked lunch* (*Almoço nu*).



A censura, de certa forma, caminhou lado a lado com inovações literárias. Além dos autores *Beat*, foram alvos da censura nomes como Henry Miller, cuja publicação nos Estados Unidos permaneceu proibida durante 30 anos, Arthur Rimbaud, o provável

grande revolucionário literário jamais existente, D. H. Lawrence, dentre tantos outros.

O esforço empregado pela literatura *Beat* constituiu-se em um poderoso e imprescindível resgate da humanidade da poesia e da prosa norte-americanas, então em processo de sufocamento dentro de gavetas em tradicionais gabinetes acadêmicos. Era o grito fundamental, o uivo libertador, fundador de liberdades e de possibilidades alternativas de existência, na esteira do qual iriam se desenrolar os movimentos de contracultura das décadas de 60 e de 70. Mais do que qualquer coisa, demonstrou-nos, mais uma vez, que a censura sobre a Literatura – ou sobre as Artes – termina, hora ou outra, sendo arrastada pelo avançar da história.



Antes de encerrar, cumpre render uma homenagem ao Professor Luis Alberto Warat, um dos principais expoentes da cultura crítica do Direito no Brasil, responsável por catalisar uma série de estudos pontuados pela *liberdade acadêmica* e pelo *rigor teórico*, porque é notório que, se, para manter as coisas como estão, basta perpetuar a inércia, para alterá-las, é preciso atuar com muita consistência sobre as estruturas já postas<sup>22</sup>. Warat lançou-se contra o ensino *prêt-à-porter*, renegou o “dogma”, reconstruiu a subjetividade, e vislumbrou no horizonte a possibilidade de que linhas aparentemente tão distantes, como o Direito e a Arte, pudessem vir a se tocar. Mais do que se tocar, é certo que a sua fusão de horizontes segue se concretizando, cada vez mais.

Dieter Axt<sup>23</sup>

## NOTA DE PESAR<sup>24</sup>

A Rede Brasileira Direito e Literatura comunica, com muito pesar, o falecimento do Prof. Dr. Luiz Cancellier de Olivo, reitor da UFSC e membro honorário da RDL, ocorrido no dia 2 de outubro de 2017, em Florianópolis.

A RDL lamenta que a pena de humilhação cautelar tenha a dimensão que hoje assume no Brasil, em que pessoas presumidamente inocentes são superexpostas midiaticamente, sem que o processo penal se realize. Exilado de sua Universidade, sem acusações comprovadas, Cancellier foi objeto de violenta prisão temporária - resquício autoritário da prisão para averiguação - por um dia. Se alguém está prejudicando tanto assim as investigações, existem meios adequados de enfrentamento, sendo injustificável a prisão por um dia, cuja função foi a de impelir o medo e



<sup>22</sup> WARAT, Luis Alberto. *Territórios desconhecidos: a procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade*. Florianópolis: Boiteux, 2004.

<sup>23</sup> Mestrando em Direito Público na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Roteirista do Programa de TV Direito & Literatura (TV Justiça). Membro da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Assistente Editorial da *Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura*. Escritor e editor da Editora *Le Chien*.

<sup>24</sup> A presente Nota de Pesar substitui, nesta edição do Boletim, a seção Entrevista.

<sup>19</sup> CUNNELL, Howard. *Rápido desta vez*. In: *On the road ...*, op. cit., p. 34.

<sup>20</sup> O poema foi publicado em uma coletânea de poemas, denominada *Howl and Other Poems*.

<sup>21</sup> Além de proprietário da livraria e editora *City Light Books*, em São Francisco (CA), Ferlinghetti é autor de obras como *Amor nos tempos de fúria* e *Um parque de diversões da cabeça*, ambas traduzidas e publicadas no Brasil pela L&PM Editores. Ferlinghetti conta, atualmente, com 98 anos de idade.

demonstrar a força dos agentes estatais, muito mais do que do Estado. Todavia, a necessidade de fazer vender o produto crime beira o paroxismo e faz com que as imagens de Kafka ofereçam a melhor descrição para o que se passa nos dias atuais.

Cancellier era um companheiro de luta incansável que deixou um bilhete dizendo que sua vida acabou no momento de sua prisão. A memória e o amor que nutria pela Literatura, do qual é expoente, permanecerão vivas na tarefa diária de resistir ao Estado Policial que se instaurou no Brasil contemporâneo.

Com vasta carreira acadêmica, Cancellier foi um dos grandes idealizadores dos estudos em Direito e Literatura no Brasil. Ao longo de sua trajetória, ele coordenou eventos científicos, orientou teses e dissertações e dedicou parte importante de sua produção ao tema, com a publicações de livros, coletâneas e artigos.

Somos Todos Cancellier, vítimas dos arroubsos punitivistas do Processo Penal do Espetáculo, diria Guy Debord.

Os membros da RDL lamentam e sensibilizam-se com esse triste acontecimento.

Diretoria da RDL

## NOTÍCIAS EM DESTAQUE

### 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DEBATE DIREITO E LITERATURA EM MÁLAGA (ESP)

Nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, ocorrerá o 1º Simpósio Internacional *La cultura literaria del derecho: alianzas transatlánticas*.



O prazo de inscrições permanecerá aberto desde 20 de outubro até 22 de novembro, com lotação de 60 lugares.

O evento contará com a presença dos professores Roberto González Echeverría (Yale University), José Calvo González (UMA), André Karam Trindade (Faculdade Guanambi), Cristina Monereo Atienza (UMA), José Francisco Alenza García (Universidad Pública de Navarra), Cristiano Paixão (Universidade Federal de Brasília), Maria Pina Fersini (UMA) e Felipe Navarro Martínez (UMA), dentre outros.

Essa atividade é organizada pela Cátedra Abierta de Derecho y Literatura da Universidade de Málaga (UMA) e conta com o apoio da RDL.

### ENCONTRO NA FDV DEBATE LITERATURA E TESTEMUNHO, A PARTIR DA OBRA DE PRIMO LEVI

No dia 20 de setembro, o Grupo de Estudo Direito e Psicanálise: entre mitos e profanações recebeu o Prof. Dr. Wilberth Salgueiro, doutor em Teoria literária pela UFRJ, pós-doutor em Literatura comparada pela UERJ e em Literatura brasileira pela USP, e o Prof. Me. Vitor Vogas, mestre em Letras pela UFES e jornalista de A Gazeta.

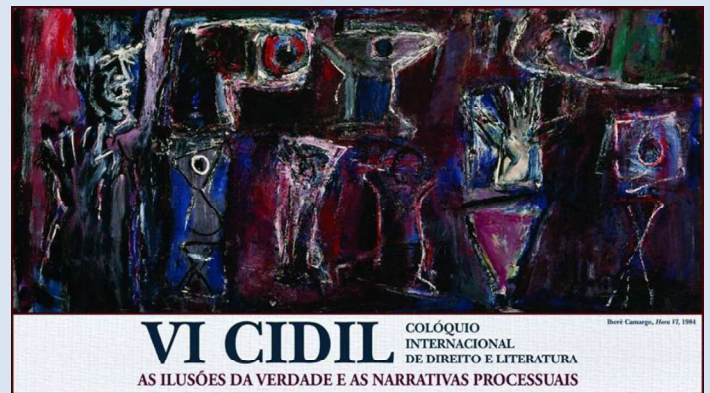
Os convidados trataram do tema: "Literatura e Testemunho: considerações a partir da obra de Primo Levi". O evento, realizado nas dependências da Faculdade de Direito de Vitória, contou

com o apoio do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica do Constitucionalismo (CNPQ).

### VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DIREITO E LITERATURA (CIDIL), EM PORTO ALEGRE (RS), TRAZ ENFOQUE SOBRE AS ILUSÕES DA VERDADE E AS NARRATIVAS PROCESSUAIS

A sexta edição do Colóquio foi um sucesso. Realizada em Porto Alegre, entre os dias 25 e 28 de outubro de 2017, no teatro do Instituto Goethe, o Colóquio discutiu *As ilusões da verdade e as narrativas processuais* e garantiu aos participantes a interação e o intercâmbio qualificado de idéias próprios do CIDIL.

Foram três dias de palestras, entrevistas e atividades envolvendo os estudos em Direito e Literatura, com enfoque em temas como: ficcionalidade; fundamentação das decisões judiciais; verdade e verossimilhança; a relação entre direito, linguagem e narrativa; a verdade nas obras de arte; e os fatos, os relatos e as interpretações.



No último dia, alunos e professores foram convidados para uma visita exclusiva guiada à Fundação Iberê Camargo, apoiadora do evento. A confraternização ficou por conta da acolhedora recepção na Vinícola Laurentia. No encerramento do evento, o Grupojogo de experimentação cênica, sob direção de Alexandre Dill, protagonizou uma belíssima leitura encenada do texto *A pane* de Friedrich Durrenmatt, no teatro do Instituto Goethe.

O CIDIL se trata do mais importante evento de difusão dos estudos de Direito e Literatura, na América Latina. A sua sexta edição é resultado de uma parceria entre a Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL), o Programa em Pós-Graduação em Direito da Universidade Guanambi (FG), a Escola de Direito da UNISINOS, a Escola de Humanidades da PUCRS e o Instituto de Letras da UFRGS.

Mais informações sobre o evento, na próxima edição do boletim!

### 33º CAFÉ, DIREITO E LITERATURA OCORREU EM VITÓRIA (ES)

No dia 22 de setembro, foi realizada a 33ª edição do já tradicional Café, Direito e Literatura. O primeiro encontro do segundo semestre



debateu a obra *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, de Primo Levi. O evento transcorreu no Café Terra Nova, sob coordenação do Prof. Nelson Camatta Moreira, vice-presidente da RDL.

## NOVIDADES EDITORIAIS

TORRES, Óscar Enrique (Coord.) *Derecho & Literatura. El derecho en la literatura*. Prólogo de François Ost. México: Editorial Libitum, 2017.



A obra é produto de um grande esforço dos autores em difundir a corrente Direito e Literatura no México e, em especial, o tema do direito *na* literatura.

O leitor encontrará, nesta obra, um estudo que o introduzirá ao conhecimento de tal corrente e, em seguida, a uma série de análises originais sobre diversos temas jurídicos presentes em obras literárias, como: *A filosofia na alcova*, do marquês de Sade; os textos *O homem bicentenário* y *Eu, Robô*, de Isaac Asimov; os poemas testamentários escritos por Eliseo Diego (*Testamento*), León Felipe (*Un poema es un testamento*), Efraín Huerta (*Borrador para un testamento*); *A história do cativo*, presente em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; os contos *La muerte tiene permiso*, de Edmundo Valadés, e *El guardaguijas*, de Juan José Arreola; e a lenda maia chamada *La justicia del rey Xocbitum*.

JOUBE, Emeline; MINIATO; Lionel (dir.). *Chronique judiciaire et fictionnalisation du procès. Discours, récits et représentations*. Paris: Mare et Martin Editions, 2017.



O julgamento, destinado a resolver disputas e a restaurar a paz social, é acompanhado por um ritual judicial, que participa de um simbolismo universal do ato de julgar.

O julgamento tem seus usos, seu espaço limitado, sua temporalidade, seus atores e seus trajes. É através do seu ritual que a justiça ocorre de acordo com formas que pertencem apenas a ela. Paralelamente a este ritual, o procedimento é regido pela lei para alcançar o pronunciamento do julgamento e a manifestação da verdade judicial. Seguem-se comentários e discursos acadêmicos para esclarecer, criticar, aprovar ou desaprovar a decisão e debater a doutrina.

Mas, além da comunidade de advogados, outros atores estão interessados na justiça, desde seus principais casos criminais até as mais pequenas notícias. O julgamento gera discursos, narrativas e representações de várias formas, seja a narrativa judicial, obras literárias, teatrais ou cinematográficas, etc. É justamente a estes outros discursos, narrativas e representações – que dizem uma verdade diferente sobre direito e justiça –, que este livro propõe pôr em destaque

FABBRI, Alexandra; GUERY, Christian. *Simenon et la justice. Bibliothèque Simenon – II*. Amiens: Les Belles Lettres (Coll. Encrage - Travaux, 57), Paris, 2017.



*Maigret aux assises, Lettre à mon juge, Inconnus dans la Maison La tête d'un homme, Témoins* ou *Cour d'assises*: o trabalho de Simenon fala da justiça, entendida como uma instituição, mas também como uma relação interna entre os homens.

O autor não gosta do aparato judicial que parece se esforçar para não entender a natureza daqueles homens que se desviam, que tentam libertar-se dos contornos que os determinam. Para Simenon, deve-se "entender e não julgar". No entanto, não é

incomum ver o Comissário Maigret se apresentar como um critério do justo!

As "pequenas pessoas" de Simenon, garantes de uma autenticidade – que o polimento mundano altera –, parecem ansiosas para livrar-se da estranheza que os habita. Em frente de seus juízes, estão sozinhos em frente a si mesmos, condenados a um reconhecimento impossível. O fracasso que sanciona sua aspiração a uma nova vida parece apresentar-lhes apenas como alternativa o crime ou o suicídio.

Com eles, Simenon levanta um pouco do trágico véu da existência, e esse vislumbre dá a suas novelas uma profundidade inesperada.

GARCÍA, Juan Antonio Gómez (ed.) *Los derechos humanos en el cine español*. Madrid: Dykinson, 2017.



O tratamento de direitos humanos no cinema constitui um tema repetitivo para os chamados estudos de Direito e Cinema. No entanto, um balanço geral, até agora, não havia sido objeto de um tratamento monográfico, sistemático e exaustivo no contexto específico do cinema espanhol.

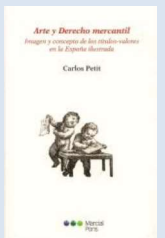
A presente obra pretende cumprir tal lacuna, fazendo uma retomada panorâmica do cinema espanhol. Com essa finalidade, participam da obra uma boa parte dos principais representantes do Direito e Cinema, na língua espanhola.

TORRE, Stefania (org.). *Il diritto incontra la letteratura*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2017.



A obra é resultado de um projeto de investigação desenvolvido na Universidade Federico II, em Napoli (ITA). Alguns dos textos que compõem o livro são: *Diritto, Letteratura, Discipline umanistiche: Teorie, metodi e casi* (Salvatore Prisco); *Un'ipotesi di studio per il Commissario Ricciardi* (Sergio Moccia); *"Interni familiari". L'indissolubilità del matrimonio nella letteratura, nel teatro e nella cultura giuridica italiana di fine Ottocento* (Stefania Torre); *Una rilettura del femminismo antifemminista di Matilde Serao tra cultura e diritto* (Fulvia Abbondante); *Diritto e Letteratura: alcuni profili della consuetudine giuridica ne "Il giorno del giudizio"* (Francesca Scamardella), dentre outros.

PETIT, Carlos. *Arte y Derecho mercantil. Imagen y concepto de los títulos-valores en la España ilustrada*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones Jurídicas y Sociales, 2017



O século da Iluminação testemunhou o declínio de uma concepção transcendente da existência humana baseada na virtude da fé. O tempo histórico da nação e o Öffentlichkeit (Habermas) começaram a articular a experiência coletiva de outra classe de crenças. Contudo, a antiga virtude teológica não foi completamente substituída pela nova confiança dos cidadãos. A tese anterior baseia-se na análise dos títulos de crédito (vouchers, ações, certificados) produzidos e circulando na Espanha dos Bourbons. Era a época dourada das artes de gravura, uma técnica de reprodução documental colocada a serviço do dinheiro. O governo econômico da Monarquia estava por trás da emissão de instrumentos financeiros, mas também do treinamento dos artistas que os projetaram, mostrando-nos

agora um cruzamento incomum entre a história da arte e a história do direito comercial.

DROUET, Pascale; GROSOS, Philippe. *Shakespeare au risque de la philosophie*. Paris: Éditions Hemann, 2017.

Shakespeare não é um filósofo. E muitos dos seus pontos irônicos em relação aos filósofos demonstram a desconfiança que o inspiraram. Mas, além de ter sido influenciado por várias tradições filosóficas, da Antiguidade ao Renascimento, a sua obra, do século XVIII até o presente, continua a inspirar os filósofos. Então, questionar Shakespeare através da filosofia não significa aproximar o dramaturgo com a vontade de submeter seu teatro ao reinado do conceito. Resultado de uma colaboração original, este livro constitui uma contribuição sem precedentes para estudos de Shakespeare na língua francesa.



LARRIERU, Peggy. *Mythes grecs et droit. Retour sur la fonction anthropologique du droit*. Québec: Presses Université Laval (Coll. Dikè), 2017

A noção de mito, cuja riqueza tem sido brilhante para a sociologia, para a antropologia e para a psicanálise, não poderia deixar o jurista indiferente. Certamente, a idéia de juntar esses dois domínios pode parecer tão singular quanto eles parecem remotos. No entanto, esta aparente alteridade merece ser revisada. O retorno ao mito, através de um quadro legal, permite uma perspectiva da racionalidade jurídica contemporânea. Todo mito antigo está relacionado ao fundamento da lei. Mas a própria lei positiva tem uma importante dimensão mitológica. Devido à sua função normativa, está mergulhada em fantasia e ficção. No entanto, num momento como o nosso, quando os mitos e outras meta-narrativas são desacreditados, assimilados ao pensamento pré-científico, talvez seja reconhecido que são essas meta-narrativas que dão significado e que podem reforçar a legitimidade da lei em sua dimensão. instituidora. A lei não pode reter sua função antropológica sem se reconectar com o que acha subjacente, ou seja, o mito.



HUTSON, Lorna (ed.). *The Oxford Handbook of English Law and Literature, 1500-1700*. Oxford: Oxford UP, 2017.

Este manual relaciona as disciplinas da história, da história jurídica e da literatura para produzir um novo quadro interdisciplinar para o estudo do início da Inglaterra moderna. Para os historiadores do início da Inglaterra moderna, recorrer aos arquivos legais e aprender mais sobre o procedimento legal pareceu ser cada vez mais relevante para o projeto de compreensão das relações familiares e sociais, bem como das instituições políticas, da formação do estado e das mudanças econômicas. Literatos e historiadores também mostraram como a retórica clássica forense é a base do ensino humanista da composição literária (poesia e drama) e de novas epistemologias jurídicas. Além disso, o domínio jurisdicional pós-Reforma do direito comum produziu novas formas de traçar os limites entre a consciência privada e a responsabilidade pública.



LEWIS A. David; LUND, Martin (eds.). *Muslim Superheroes. Comics, Islam, and Representation*. Cambridge: Harvard University Press, 2017.

A lista de super-heróis muçulmanos no meio dos quadrinhos cresceu ao longo dos anos, assim como a complexidade de suas representações. A obra rastreia a ausência inicial, depois a inclusão relutante, o emprego *tokenista* e, finalmente, as nuances em *scripts*, de protagonistas islâmicos no mercado americano de quadrinhos de super-heróis. Esta antologia acadêmica investiga as maneiras pelas quais os personagens de super-heróis muçulmanos cumprem, compõem ou complicam os estereótipos ocidentais e navegam nas expectativas da audiência popular globalmente, sob a ameaça de islamofobia. Fornecendo uma profundidade sem precedentes para o estudo dos super-heróis muçulmanos, esta coleção analisa, através de uma série de leituras próximas e estudos comparativos, como criadores e críticos de quadrinhos muçulmanos e não-muçulmanos produziram, reproduziram e representaram diferentes concepções do islamismo e dos muçulmanos incorporadas nos personagens de gênero.



EICHER, Fabienne Douls. *Poétique de la simultanéité dans les écrits de Pablo Picasso*. Paris: L'Harmattan, 2017.

O trabalho escrito de Pablo Picasso recebeu pouca atenção dos críticos. Várias razões podem ser alegadas, incluindo duas principais: o prestígio esmagador do seu trabalho pintado e o caráter surrealista dos textos, de um ponto de vista difícil. No entanto, é importante situar esses escritos em seu devido lugar, como parte específica do processo criativo de Picasso. Este estudo busca identificar suas especificidades poéticas, submetendo-os a uma obra de análise inspirada na semiótica literária.



## AGENDA

### 1º Simpósio Internacional - La cultura literaria del derecho: alianzas transatlánticas

Local: Universidad de Málaga (Espanha)

Data: 30 de novembro a 1º de dezembro de 2017

### 34º Café, Direito e Literatura

Local: Café Terra Nova, Vitória (ES)

Data: 17 de novembro

Tema: Um encontro com Jorge Luis Borges nos contos *Funes*, *o memorioso* e *Loteria na Babilônia*

### Direito, Arte, Obscenidade e Blasfêmia

Local: Tribunal Pleno do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba

Data: 10 de novembro

### I work therefore I am (european): a conference on law, literature and social sciences

Local: European Economic and Social Committee e La Fonderie (Museum of Industry and Labour), em Bruxelas (BEL)

Data: 9 a 11 de novembro

### II Congresso de Direito e Literatura da Universidade de Uberlândia (MG): Mulher e resistência

Local: Auditório 5S, UFU Santa Mônica

Data: 7 e 8 de novembro